

**AS SENSIBILIDADES ROMÂNTICAS
 FICCIONAIS DE NELSON
 RODRIGUES NO RIO DE JANEIRO
 COMO PESSIMISMO DO
 PRESENTE**

LEANDRO ANTÔNIO DOS SANTOS*
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS,
 GOIÂNIA, GOIÁS, BRASIL

RESUMO

O objetivo deste artigo está centrado em perceber pelo campo das sensibilidades multifacetadas de Nelson Rodrigues (1912-1980) a sua visão romântica de mundo, do Rio de Janeiro e das relações amorosas no transcurso do século XX, momento em que produz peças teatrais, produção jornalística e demais escritos, percebendo um sentimento de nostalgia pelo passado em detrimento do pessimismo no presente. Verifica-se uma resignificação dos espaços públicos pela ótica do lazer e do entretenimento, e a assimilação pelos sujeitos dos valores modernos provenientes da família burguesa, além da reprodução desses mesmos valores nas demais classes sociais. Pretende-se decodificar a singularidade e a multifacetada vontade de reflexão crítica da modernidade em sua escrita, e de si mesmo, e as sutilezas ao polemizar sobre a concepção de sociedade que se esperava, mas que, por outro lado, não se concretizou, ao ver o mundo a sua volta modificar-se constantemente. Intenta-se perceber como metodologia de análise das fontes os indícios e sinais através do paradigma indiciário, aspectos esses perseguidos pelo autor em sua escrita e provenientes da sua personalidade. Como referencial teórico, utilizo a História das sensibilidades no diagnóstico das formas de sentir e estar presente na cidade captando pela dimensão sensível o turbilhão de mudanças na sociedade carioca e decifrando o cotidiano pela lente da ficção, o que resulta em um caleidoscópio de sensações.

Palavras-chave: sensibilidades; ficção; cidade.

ABSTRACT

The objective of this article is centered on perceiving, through the field of multifaceted sensibilities of Nelson Rodrigues (1912-1980), his romantic vision of the world, of Rio de Janeiro, and of love relationships in the course of the 20th century, when he produced his theatrical plays, journalistic production and other writings, perceiving a feeling of nostalgia for the past to the detriment of pessimism in the present. There is a redefinition of public spaces from the perspective of leisure and entertainment, and the assimilation by subjects of modern values coming from the bourgeois family, and the reproduction of these same values in other social classes. It is intended to decode the singularity, and the multifaceted desire for critical reflection of modernity in his writing, and of himself, and the subtleties when polemicizing about a conception of society that was expected, but which, on the other hand, did not materialize, by seeing the world around you changes constantly. It is intended to perceive as a methodology for analyzing the sources of attractions and signs through the evidence paradigm, aspects pursued by the author in his writing, and coming from his personality. As a theoretical reference I use the History of sensibilities in the diagnosis of ways of feeling and being present in the city, capturing through the sensitive dimension the whirlwind of changes in Rio society, and deciphering everyday life through the lens of fiction generated in a kaleidoscope of sensations.

Keywords: sensibilities; fiction; city.

* Doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: leandrosantoshis@gmail.com.

Não gosto da minha época, não tenho afinidades com ela. A meu ver estamos assistindo ao fracasso do ser humano. Sou uma alma da Belle Époque².

INTRODUÇÃO

A leitura do detalhe³, do que aparenta ser pouco visível, é uma contribuição proposta pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, a qual serve como metodologia de percepção das evidências da investigação proposta neste artigo. Torna-se oportuno falar dos sinais da cultura carioca sendo alinhados e percebidos pela lente do escritor, reconhecendo os indícios de um mundo atribulado em sua imaginação, deixando transparecer toda a sua sinceridade literária. O paradigma indiciário é a base metodológica desta investigação, e será ressaltado em diversos momentos, apontando as semelhanças do método empregado com a documentação escolhida. Além disso, será analisada a abertura que o historiador defende na associação entre História e ficção, ao tornar os dois campos, carregados de hibridismos, segmentos de análise do historiador, assentado sobre a concepção de prova documental.

Nelson Rodrigues capta de forma relevante essas dimensões vertidas na sua obra. De forma implícita, cabe ao leitor perceber nas entrelinhas da escrita do teatrólogo os sinais, detalhes e emblemas deixados pelo escritor. Quando muitos leitores, habitantes da cidade, pessoas comuns, defrontam com a leitura de sua obra, não acabam por lê-lo na íntegra, não percebem as nuances que estão presentes no processo de criação, permeadas de inferências de códigos sociais e culturais da sociedade carioca, resultando em rotulações e juízos de valor (como “tarado”, “pervertido” e “imoral”).

Seu impulso criador mesclou duas condições inerentes ao seu processo de estruturação de possibilidades de registro social, articulando o detalhe ao macrossocial, o ínfimo ao notável, nos dramas familiares do subúrbio carioca como sendo universais, que perpassam a condição histórica da humanidade. Por isso, o olhar metodológico de Carlo Ginzburg⁴ como contribuição para pensar a dramaturgia e produção jornalística de Nelson Rodrigues permite uma ampliação no horizonte de possibilidades de entendimento da cultura familiar carioca e da cidade.

2 RODRIGUES, N. *Flor de obsessão: as 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 24.

3 A maneira como as fontes escolhidas se apresenta, em sua natureza textual, coaduna-se com as reflexões propostas pelo historiador Carlo Ginzburg, ao perceber que os sinais de uma cultura são determinantes para a sua compreensão e dos vários emblemas presentes na escrita de Nelson Rodrigues. GINZBURG, C. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-275.

4 As obras de Carlo Ginzburg que servem de suporte metodológico para este artigo são intituladas: GINZBURG, C. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-275. GINZBURG, C. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Realizando o mesmo caminho traçado por Carlo Ginzburg como captador dos sinais da cultura, faz-se aqui esse mesmo movimento de adentrar na escrita do autor mapeando os detalhes, aquilo de mais singular, para almejar compreender interpretações mais totalizantes de uma sociedade. Percebe-se “o valor epistemológico do ‘detalhe revelador’, visto que as pequenas coisas, as singularidades e mesmo as discrepâncias e anomalias podem ter força heurística e cognitiva”⁵.

O horizonte teórico do qual me ocupo está em fornecer reflexões em torno do universo cultural de Nelson Rodrigues e da cidade do Rio de Janeiro, pela contribuição da História das sensibilidades. Esta “corrente historiográfica [...] trabalha com as representações que os homens, através do tempo, construíram sobre si próprios e o mundo e que são, por vezes, difíceis de serem abordadas ou mensuradas”⁶. A apreensão das sensibilidades são um desafio para o historiador, que percebe caminhos possíveis para a construção de uma narrativa historiográfica.

As sensibilidades são uma forma de apreensão e de conhecimento do mundo para além do conhecimento científico, que não brota do racional ou das construções mentais mais elaboradas. Na verdade, poderia-se dizer que a esfera das sensibilidades se situa em um espaço anterior à reflexão, na animalidade da experiência humana, brotada do corpo, como uma resposta ou reação em face da realidade. Como forma de ser e estar no mundo, a sensibilidade se traduz em sensações e emoções, na reação quase imediata dos sentidos afetados por fenômenos físicos ou psíquicos, uma vez em contato com a realidade⁷.

Nesse processo, as sensibilidades são fontes inesgotáveis de percepção do histórico como instância de sensações e emoções do humano. A relação que se estabelece com as sensibilidades está inscrita nos sentidos, físicos ou psíquicos, e almeja a singularidade e aquilo que afeta o imaginário social⁸. O caminho das sensibilidades e da dinâmica do sensível será imprescindível como referencial de ancoragem teórica e favorecerá o manejo das fontes a serem utilizadas “ao examinar a transformação das maneiras de sentir os fluxos sensoriais contemporâneos, interrogando-os também sobre as condições e a própria capacidade de sentir”⁹.

Ao perceber o fluxo de alteração de hábitos e costumes na cidade do Rio de Janeiro, Nelson Rodrigues promove um diálogo estreito com as formas de sentir e pensar da sociedade carioca, no contato com os sujeitos imersos nos dilemas culturais, e interagindo com os leitores da cidade, seja através de sua produção teatral ou jornalística. Também fará parte notar uma concepção de cidade em sua obra, que pode ser vislumbrada pela contribuição teórica de Walter

5 VIEIRA, B. Carlo Ginzburg (1939-). In: PARADA, M. (org.). *Os historiadores clássicos da História: de Ricoeur a Chartier*. Petrópolis, RJ: Vozes: PUC- Rio, 2014. v. 3. p. 257.

6 PESAVENTO, S. J. *Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 10.

7 PESAVENTO, 2007, p. 10.

8 BACZKO, B. Imaginação social. In: LEACH, E. et al. *Enciclopédia Einaudi: Antropos/Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1985. v. 5, p. 296-332.

9 HAROCHE, C. *A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008. p. 22.

Benjamin, numa atitude semelhante a Nelson Rodrigues, na crítica à modernidade capitalista das cidades e seu efeito neutralizador. Para Walter Benjamin, a cidade é “realização do antigo sonho humano do labirinto”¹⁰. Vejamos que:

Na obra de Benjamin, os lugares de passagem e os limiares da infância traçam, inequivocamente, um caminho que tangencia o trabalho da memória e do esquecimento, a narrativa e a cidade, a relação com a tradição e o problema da sua transmissibilidade. Não se trata, entretanto, de pensar a infância como momento que antecede a vida adulta, o que equivaleria à velha tentativa de muitas autobiografias que procuram dar à vida um “sentido”, apresentando-a como “conjunto coerente e orientado”. Ao contrário, é justamente detendo sobre as imagens da infância e sabendo, de antemão, perdida a possibilidade de recuperá-la inteira que, como um eco, o passado se mostra ao presente. É, então, por meio de um olhar retrospectivo, que a infância ganha a dimensão e o sentido que ela só pode ter depois¹¹.

Essa modernidade vivenciada por Walter Benjamin provoca um desajustamento nas relações humanas, no tempo e no espaço, reduzindo a experiência humana nas cidades, sendo consequência da modernização atroz. Nelson Rodrigues é um crítico dessa mesma modernidade, que não é capaz de ser um caminho para o ordenamento social, pois os sujeitos que reproduzem os valores da família carioca aburguesada não conseguem manter a racionalidade dos seus hábitos (fidelidade, valor do casamento, virgindade, honra e moralidade) e transmissibilidade da tradição no transcurso do século XX. Para Nelson Rodrigues, a infância é o suporte da memória idealizada e lugar de onde se evoca memórias no presente. Ele se volta para ela a todo o momento em sua escrita, com o olhar retrospectivo e nostálgico, como possibilidade de sentido da vida. Em suas palavras:

O bairro da minha infância me marcou profundamente. Tanto que nas minhas memórias – sou muito memorialista e mesmo quando não faço memórias tenho sempre lembranças para intercalar – falo da paisagem da Aldeia Campista e das batalhas de confete da rua Dona Zulmira¹².

Diante disso, poucas pesquisas de vertente historiográfica têm explorado a riqueza estética criada por Nelson Rodrigues. A investigação que aqui desenvolvo tem este papel, de fazer a incursão em um campo de extrema densidade e potencialidades de percepção da realidade histórica, brasileira e especialmente carioca. Um outro caminho de análise da obra do anjo pornográfico seria pela abordagem de como a cidade faz parte de sua cosmovisão romântica e está intimamente ligada à vida de suas personagens de ambas as classes sociais.

Impossível pensar em Nelson Rodrigues sem situá-lo no Rio de Janeiro. De fato, poucas obras, em nossa cultura, manifestam ligação tão visceral, com a cidade, sua história, cacoetes e paixões [...] Trata-se do ponto de vista do homem comum, do

10 BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 203.

11 PIRES, E. G. Modernidade, infância e linguagem em Walter Benjamin. *Conjectura: Filos. Educ.*, Caxias do Sul, v. 21, n. 2, p. 245-274, maio/ago. 2016. p. 271. Disponível em: http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/3913/pdf_582. Acesso em: 15 set. 2022.

12 RODRIGUES, S. *Nelson Rodrigues por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p. 21.

homem ordinário, como patamar de generalização dos saberes e vivências particulares daquele que escreve. Quando o trivial, o ser como todo mundo, torna-se a fonte da experiência produtora do texto¹³.

Neste artigo, farei uma abordagem mais voltada para as peças teatrais e contos de Nelson Rodrigues, estes últimos, por sua vez, possuem uma natureza textual semelhante a uma crônica, pois são nos contos que está mais identificável a presença da família na cidade, mas sem também esquecer a dramaturgia. Cabe entender como os sujeitos se inserem dentro do espaço urbano, redefinindo a sua estrutura e alterando padrões de comportamentos.

A VISÃO ROMÂNTICA DA FAMÍLIA CARIOCA E DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO EM SUA ESCRITA FICCIONAL

Ao pensar sobre o papel do conto em uma pesquisa historiográfica, ele pode ser considerado “tão antigo quanto o homem, ele é a forma narrativa, em prosa, de menor extensão, no sentido exato de tamanho, embora contenha os mesmos componentes do romance. Suas principais características são a concisão, a precisão, a densidade, a unidade de efeito”¹⁴.

Importante fazer uma correlação entre texto e contexto, percebendo nessa relação a atemporalidade presente na dramaturgia e outros escritos de Nelson Rodrigues, ampliando a sua capacidade de comunicação e a visualização ainda presente das mesmas problemáticas na sociedade contemporânea, o que é evidente, pois as relações de forças no campo da sexualidade não acabaram, ainda insistindo em se manter, mas dentro de outras situações no presente. Em sua época:

A impressão que se tem é que, no Brasil dos anos 50, jovens e velhos não podiam pecar. À época assistiu, porém, a um período de ascensão da classe média. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o país contabilizou o crescimento urbano e a industrialização sem precedentes que conduziram ao aumento das possibilidades educacionais e profissionais. As distinções entre os papéis femininos e masculinos, entretanto, continuavam nítidas; a moral sexual diferenciada permeia forte e o trabalho da mulher, ainda que cada vez mais comum, era cercado de preconceitos e visto como subsidiário ao trabalho do — chefe de casa. Se o país acompanhou, à sua maneira, as tendências internacionais de modernização e emancipação feminina — impulsionadas com a participação das mulheres no esforço de guerra e reforçadas pelo desenvolvimento econômico —, também foi influenciado por campanhas estrangeiras que, com o fim da guerra, passaram a pregar a volta das mulheres ao lar e aos valores tradicionais da sociedade [...] As aventuras extraconjugais das mulheres eram severamente punidas. Como a honra do marido dependia do comportamento da esposa, se ela a manchasse era colocada de lado. Já a infidelidade masculina era explicada pelo comportamento — naturalmente poligâmico do homem. Em casa, a

13 DIAS, Â. M. Nelson Rodrigues e o Rio de Janeiro: memórias de um apaixonado. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 101-122, jan./jun. 2005. p. 101. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2005000100007>. Acesso em: 10 set. 2022.

14 NERY, S. M. de S. *A vida como ela é...: O limiar entre a crônica e o conto*. Mestranda pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação. UNIMAR – Universidade de Marília (SP), p. 1-17, 2015. p. 6. Disponível em: <https://docplayer.com.br/25598104-A-vida-como-ela-e-o-limiar-entre-a-cronica-e-o-conto.html>. Acesso em: 12 set. 2022.

paz conjugal deveria ser mantida a qualquer preço e as — aventuras consideradas como passageiras¹⁵.

A historiadora Mary Del Priore, em sua trajetória intelectual como pesquisadora da História do Brasil, traz em suas abordagens de pesquisa temas voltados para o cotidiano e que são importantes no esclarecimento da sociedade brasileira, em grande parte, de temas ligados ao campo das sensibilidades e subjetividades, permitindo um novo olhar para a sociedade e a cultura brasileira.

Uma de suas várias publicações de grande repercussão intitula-se “*Histórias da gente brasileira: República – memórias (1889-1950)*”. Nesse livro, a historiadora baseia sua investigação trazendo as contribuições de escritores brasileiros para pensar sobre a gente brasileira, com ênfase no período republicano, começando no prefácio:

Bom dia. Pode entrar. Tome assento e venha conversar. Reunidos aqui, se encontram vários escritores brasileiros. Escritores, mas, sobretudo, memorialistas. Você os conhece: seus rostos estão em tantas capas de livros... São tão diversos, os tristes e alegres. Mas, de muitos, os retratos foram apagados, assim como sua obra. Daí a importância desta conversa. Ela é cheia de vozes distantes. De sotaques diferentes. Erico Veríssimo e José Lins do Rego, Wilson Martins ou Zélia Gattai, e muitos outros, trazem na forma de escrever o som das palavras nas diferentes regiões do país. Trazem junto com o verbo, hábitos, gestos, vivências. A conversa nesta sala é sobre memórias, lembranças e história¹⁶.

Mary Del Priore traz em seu livro a participação de vários escritores na vida cultural do Brasil e de como suas obras transmitem a temporalidade do contexto da República brasileira. Ao tratar da esfera familiar, a parte três da obra, intitulada: “O relógio da vida: nascer, amar, perder”, insere o leitor dentro da vivência sociocultural das cidades no ambiente de transformações profundas no início do século XX. Mais precisamente, nesse foco, busca-se compreender essas transformações:

Segundo o antropólogo Thales de Azevedo, pioneiro entre nós nos estudos sobre o namoro, a modernização das grandes cidades e a maior liberdade de ir e vir ente jovens mudaram os hábitos amorosos [...] Seria a primeira vez que as moças se expunham deliberadamente à conquista, ainda que de modo dissimulado, tendo em vista o namoro. Caminhando ao lado de outras jovens, em geral de mãos dadas ou de braços dados, a moça interessada em arranjar namorado via diferentes rapazes, avaliava seus tipos, tentava decifrar seus sinais e signos exteriores, comparava-os até decidir-se por um deles e estabelecer – quase sempre furtivamente – sem que as companheiras percebessem, uma relação preliminar¹⁷.

A família sentia um novo clima de transformações que permitia novas práticas sociais de convívio e entretenimento, em que moças e rapazes estavam inseridos entre a *belle époque* e os anos dourados na dramaturgia de Nelson Rodrigues. Nesse entremeio, muitas certezas

15 DEL PRIORE, M. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011. p. 160-161.

16 DEL PRIORE, M. *Histórias da gente brasileira: República - memórias (1889-1950)*. Rio de Janeiro: LeYa, 2017. p. 9-10.

17 DEL PRIORE, 2017, p. 453.

povoaram e intensificaram as histórias do escritor, mas era um movimento amplo. A sociedade incitava as novas formas de estar no mundo e de sentir o amor na cidade.

Novidades impostas de forma desigual em todo o país, somadas ao êxodo campo-cidade, acabavam por diluir as redes tradicionais de sociabilidade, democratizando as relações afetivas. Antonio Candido soube resumi-las: “Impondo-se a participação da mulher no trabalho da fábrica, da loja, do escritório, a urbanização rompe o isolamento tradicional da família brasileira, rica ou pobre, e altera de maneira decisiva o status da mulher, trazendo-a cada vez mais para perto dos homens. As consequências imediatas podem ver-se nos novos tipos de recreação e namoro que, atualmente, implicam contato muito mais frequente e direto entre os rapazes e moças, tanto entre gente comum quanto na burguesia. [...] No cinema e nas revistas, multiplicavam-se fotos de artistas, olhos nos olhos, perdidos de “paixão”. Nas telas, os beijos eram sinônimo de *happy end*. Beijos se tornavam mais demorados. Uma verdadeira arte de sucção bucal se instalara, e todos a imitavam. O de Regis Toomey e Jane Wyman em “You’re in the Army now”, de 1941, demorou 3 minutos e 5 segundos: um recorde. Beijar também passou a ser sinônimo de namorar. O carro tornou-se um substituto para os hotéis onde um casal só entrava exibindo atestado matrimonial. Mas, mesmo nos círculos mais modernos, permaneciam algumas diferenças: a de namoro sério, para casar, e o outro, onde a satisfação imediata era o objetivo. O fato é que houve mudanças¹⁸.

Toda essa sensibilidade de observar o movimento urbano está inscrito no ato de amor de Nelson Rodrigues pela análise das ruas, um observador contínuo do urbano, das formas de se relacionar na cidade, de tudo que era sensível ao seu olhar, de sua imaginação perspicaz em perceber o que saltava aos seus olhos. Quando se trata de pensar esse desejo de ouvir e ver as sensações da rua, logo pensamos em João do Rio, que, em seu livro *A alma encantadora das ruas*, provoca esse desejo do literato pela sentidos pulsantes que a vida em movimento oferece à sua imaginação.

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agrêmia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia - o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, ao amor da rua¹⁹.

O Rio de Janeiro experimentado por Nelson Rodrigues é aquele que teve por finalidade ser o centro das atenções do país, por: ditar os costumes e tendências e ser o núcleo irradiador. Na época em que chegou na cidade, a capital federal do Brasil, foi que ele percebeu as suas dicotomias. O dramaturgo fez dessa cidade a matéria-prima bruta lapidar para a composição de sua maneira de ver o mundo e observar a realidade como ela era. Entende-se que “sua

18 DEL PRIORE, 2017, p. 462-463.

19 RIO, J. do. *A alma encantadora das ruas*: crônicas. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995. p. 3.

obra, Nelson Rodrigues foi capaz de criar representações sobre a vida urbana que fundam um imaginário acerca da cidade, através do qual podemos entrever suas percepções da sociedade como um todo”²⁰.

Sua família veio de Pernambuco, Recife, devido a uma série de acontecimentos políticos que obrigaram o exílio do seu pai, Mário Rodrigues. Em 1916, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde pôde frutificar sua obra e se inspirar para tornar-se um dos dramaturgos mais influentes que o Brasil já teve. Sua genialidade está alicerçada em fazer uso do comum atrelado ao universal, representando pessoas simples, que vivem na cultura urbana carioca e se defrontam com transformações importantes na esfera da moral, ocorridas na segunda metade do século XX.

Ao chegar na cidade carioca, em pleno início do século, o mundo vivia o terror da Primeira Guerra Mundial, o Brasil pôde aproveitar desse momento para alavancar suas exportações para os países envolvidos no conflito, aumentando seu poder de investimento no setor industrial, apesar da mentalidade econômica brasileira estar ainda muito endereçada ao setor agrícola, sendo o que liderava as exportações até então.

Importante delinear que esse primeiro contato com a cultura urbana carioca ocorre na sua infância, momento em que absorve dessa cultura e faz dela, mais à frente, força motriz de sua obra, eixo integrador de sua visão romântica, haja vista que a cidade ainda “respirava” os costumes da *belle époque* em todos os aspectos da realidade, como a família e a sociabilidade urbana.

Nelson Rodrigues captou desde a sua infância um olhar atento e especial para tudo o que acontecia em sua volta, percebendo a maneira como as sociabilidades operavam, primeiramente, na zona norte do Rio de Janeiro, destino inicial de sua família. Lugar este marcado pela tradição, por costumes familiares conservadores e forte controle social sobre a moralidade de seus habitantes. Nesse ambiente, o dramaturgo “bebeu” a sua fonte para compor as narrativas que faziam uma defesa desse lócus cultural, em detrimento das representações desafiadoras da moral oriundas do centro da cidade e da zona sul. Sua obra é um caminhar pela cidade e perceber como são diferentes os seus costumes.

Aqui, quero demonstrar essa visão romântica de uma cidade em ebulição, mas que conserva os seus valores tradicionais mesmo que novas tendências surjam ao percorrer as fissuras da cidade em transformação. Essa postura romântica se mantém mesmo diante das resistências de novas práticas que desejam impor-se. Nelson Rodrigues é um romântico que

20 FACINA, A. *Santos e canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 24.

desejava defender os valores inspirados na sua infância da zona norte do Rio de Janeiro, mas que, na sua concepção dos valores humanos, estava se perdendo devido ao início de um ciclo de mudanças citadinas e comportamentais nos anos dourados. Momento esse que:

Depois da Segunda Guerra Mundial, o país viveu um momento de ascensão da classe média. Ampliavam-se, sobretudo para as populações urbanas, as possibilidades de acesso à informação, ao lazer e consumo. O carro se popularizou, assim como a piscina nos clubes, o cinema, as excursões e as viagens. Jovens podiam passar mais tempo juntos e a guarda dos pais baixou. Mas a forma de aproximação e compromisso, o flerte – agora aporuguesado – continuava como o primeiro passo de um namoro mais sério. Regras mínimas para os encontros eram bem conhecidas, segundo a historiadora Carla Pinsky. O rapaz devia buscar a moça em casa e depois trazê-la de volta – mas se ela morasse sozinha, ele não poderia entrar; o homem sempre pagava a conta; moças de família não abusavam de bebida alcoólica e, de preferência, não bebiam; conversas ou piadas picantes eram consideradas impróprias; os avanços masculinos, abraços e beijos deviam ser firme e cordialmente evitados; a moça tinha que impor respeito²¹.

Quando olhamos para a possibilidade da ambientação criada por Nelson Rodrigues através de suas personagens na cidade, podemos perceber o uso da ficção como meio de buscar e evidenciar o efeito do real²². A ficção como intuito de encontrar o real sempre foi um método de criação do dramaturgo, possibilitando a visualização dos tipos sociais elencados em sua obra.

A obra *Literatura como missão: tensões culturais e criação literária na Primeira República*, de Nicolau Sevcenko, foi resultado de preparação para sua tese de doutoramento, na qual procura situar os posicionamentos de dois escritores: Euclides da Cunha e Lima Barreto, permeando projetos literários que procuravam sintetizar as transformações ocorridas na capital do país, centro das atenções das políticas de civilização no Brasil. Percebemos nessa obra a atuação desses literatos que buscavam sentidos em seus discursos literários através da linguagem como essência fundamental. Essa é, por sua vez:

Fonte de prazer e do medo, essa substância impessoal é um recurso poderoso para a existência humana, mas significa também um dos seus primeiros limites. As potencialidades do homem só fluem sobre a realidade através das fissuras abertas das palavras. Falar, nomear, conhecer, transmitir, esse conjunto de atos se formaliza e se reproduz incessantemente por meio da fixação de uma regularidade subjacente a toda a ordem social: o discurso. A palavra organizada em discurso incorpora em si, desse modo, toda sorte de hierarquias e enquadramentos de valor intrínsecos às estruturas sociais de que emanam. Daí porque o discurso se articula em função de regras e formas convencionais, cuja contravenção esbarra em resistências firmes e imediatas. Maior pois, do que a afinidade que se supõe existir entre as palavras e o real, talvez seja a homologia que elas guardam com o ser social. Dentre as muitas formas que assume a produção discursiva, a que nos interessa aqui, a que motivou este trabalho, é a literatura, particularmente a literatura moderna. Ela constitui possivelmente a porção mais dúctil, o limite mais extremo do discurso, o espaço onde ele se expõe por inteiro, visando reproduzir-se, mas expondo-se igualmente à infiltração corrosiva da dúvida e da perplexidade. É por onde o desafiam também os inconformados e os socialmente mau-ajustados. Essa é a razão por que ela aparece como um ângulo

21 DEL PRIORE, 2017, p. 464-465.

22 BARTHES, R. O efeito de real. In: BARTHES, R. et al. *Literatura e realidade* (que é o realismo?). Lisboa: Dom Quixote, 1984. p. 87-97.

estratégico notável, para a avaliação das forças e dos níveis de tensão existentes no seio de uma determinada estrutura social²³.

A função da linguagem está em provocar sentidos no leitor, em perceber as nuances da escrita e sua inserção social no cotidiano, papel esse desempenhado pelo escritor, que carrega os significados de seu tempo. Conforme expõe Nicolau Sevcenko, o papel fundamental da literatura está em provocar dúvidas e incertezas, revelar aquilo que é de mais perplexo em nossa sociedade, trazer à tona os inconformados e os desajustados, mostrando as tensões sociais. Nessa forma está a escrita do dramaturgo pernambucano em provocar e revelar as feridas sociais através do discurso ficcional.

O estudo da literatura conduzido no interior de uma pesquisa historiográfica, todavia, preenche-se de significados muito peculiares. Se a literatura moderna é uma fronteira extrema do discurso e o prosclênio de desajustados, mais do que o testemunho da sociedade, ela deve trazer em si a revelação dos seus focos mais candentes de tensão e a mágoa dos aflitos. Deve traduzir o seu âmago mais um anseio de mudança do que os mecanismos da permanência. Sendo um produto do desejo, seu compromisso é maior com a fantasia do que com a realidade. Preocupa-se com aquilo que poderia ou deveria ser a ordem das coisas, mais do que com o seu estado real²⁴.

O prosclênio dos desajustados é a grande contribuição dessa referência primordial para os pesquisadores que se debruçam sobre a literatura brasileira. Quando pensamos na dramaturgia e demais escritos de Nelson Rodrigues, cabe destacar o seu papel de colocar em evidência em sua escrita os desajustados, perdidos ou que estão procurando alguma saída dentro da estrutura social. Dessa forma, sua obra é um grande foco para o prosclênio de sujeitos históricos, que, na maioria das vezes, destoam do que se esperava da sociedade.

Na dramaturgia da peça *Anjo negro*²⁵, existe uma rubrica no início do primeiro ato que elucida uma reflexão fundamental, a qual pode ser fundamentada no pensamento de Roberto Da Matta em *Carnavais, malandros e heróis*, no tocante à construção dos grandes muros que no início da peça dão o tom de isolamento da casa. Isso pode ser pensado na perspectiva de Roberto da Matta, que faz o diagnóstico onde a casa e a rua são pensadas como categorias díspares conforme uma construção cultural da sociedade brasileira, associando a casa ao aconchego e à proteção, e a rua, ao perigo e à desordem. Essa construção operou ao longo do tempo e se enraizou na formação familiar, criando sentimentos em torno da casa, opostos, por sua vez, ao significado do universo da rua.

23 SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 28.

24 SEVCENKO, 2003, p. 29.

25 RODRIGUES, N. *Anjo negro*. In: RODRIGUES, N. *Teatro completo Nelson Rodrigues: peças psicológicas e míticas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. p. 421-498

De fato, a categoria *rua* indica basicamente o mundo, com seus imprevistos, acidentes e paixões, ao passo que a *casa* remete a um universo controlado, onde as coisas estão nos seus devidos lugares. Por outro lado, a rua implica o movimento, novidade, ação, ao passo que a casa subentende harmonia e calma: local de calor (como releva a palavra de origem latina *lar*, utilizada em português para casa) e afeto. E mais, na rua se trabalha, em casa se descansa. Assim, os grupos sociais que ocupam a casa são radicalmente diversos daqueles da rua²⁶.

Essa contribuição é de inestimável valia para se pensar a inversão do papel simbólico da casa que Nelson Rodrigues faz por meio de seus personagens como Ismael, por exemplo, que plenamente pode ser entendido nas categorias de análise de Roberto Da Matta, onde casa/rua possuem antagonismos severos, mas que na visão do antropólogo são passíveis de interpretações. A casa de Ismael representa o refúgio do medo, da intolerância, da submissão, do castigo e da quebra da afetividade, diferentemente do que era concebido para o papel da casa naquele contexto, tendo de ser moderna, burguesa, elitista e segura.

A ficção do dramaturgo ressignifica o imaginário, transforma a sua produção em relato histórico de seu tempo, sua escrita transmite a fusão de dois mundos se entrecruzando com formas diferentes, o tradicional e o moderno, o Rio de Janeiro da zona norte e o da zona sul. Porém, em seu processo de conceber o real, esses dois mundos se fundem, gerando uma fissura em relação ao modo como os sujeitos estão dentro da família. Essa fissura é resultado do choque de imaginários distintos nas imagens criadas pelo escritor. Da mulher em casa e da mulher na rua, do homem autoritário da casa e do homem submisso, da fidelidade e da infidelidade, do casamento e do adultério.

Quando falamos de imaginário na cidade, pensamos na referência clássica no campo da historiografia para esse tipo de abordagem da historiadora Sandra Jatahy Pesavento. Em *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*, a autora procura perceber de perto como se processou a presença do imaginário urbano dentro das cidades do Rio de Janeiro, de Paris e de Porto Alegre através da ótica da literatura como visão e entendimento do mundo. Então:

Nosso ponto de partida se insere no que chamaríamos de história cultural do urbano e que se propõe a estudar a cidade através de suas representações. Entendemos ser esta uma fascinante proposta para o nosso final de século, quando a cidade se coloca, mais do que nunca como desafio, sendo o lugar – por excelência – "onde as coisas acontecem". Nesse contexto, se a cidade se impõe como problema e, portanto, como tema de reflexão e objeto de estudo, ela se oferece como um campo de abordagem para os estudos recentes sobre o imaginário social. Nossa contemporaneidade é atravessada pelo domínio das imagens, pela criação de uma realidade virtual, pela expansão da mídia e pela constituição de "um mundo que se parece". Em suma, o imaginário, como sistema de idéias e imagens de representação coletiva, teria a capacidade de criar o real. [...] Assumir essa postura implica admitir que a representação do mundo é, ela também, parte constituinte da realidade, podendo assumir uma força maior para

26 DA MATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 90-91.

a existência que o real concreto. A representação guia o mundo, através do efeito mágico da palavra e da imagem, que dão significado à realidade e pautam valores e condutas. Estaríamos, pois, imersos num "mundo que se parece", mais real, por vezes, que a própria realidade e que se constitui numa abordagem extremamente atual, particularmente se dirigida ao objeto "cidade"²⁷.

O jornalista e dramaturgo foi capaz de criar uma cartografia urbana, deixando a cidade como pano de fundo, e visualizando os problemas pelo afrontamento de seus habitantes da moral familiar. Havia o confronto da representação do mundo construída por seus personagens da realidade idealizada e a experimentada de fato. Nelson Rodrigues criou uma outra realidade da cidade, que não era aquela projetada pela elite. Então ele provoca, coloca o “dedo na ferida” e impulsiona uma vasta possibilidade de revisão da trajetória familiar na cidade.

Cidade-problema, cidade-representação, cidade-plural, cidade-metáfora – o urbano se impõe para o historiador da cultura nos dias de hoje como um domínio estimulante. A cidade não é simplesmente um fato, um dado colocado pela concretude da vida, mas, como objeto de análise e tema de reflexão, ela é construída como desafio e, como tal, objeto de questionamento. Nossa intenção é trabalhar a cidade a partir das suas representações, mais especialmente as representações literárias construídas sobre a cidade. Tal procedimento implica pensar a literatura como uma leitura específica do urbano, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos, às suas ruas e formas arquitetônicas, aos seus personagens e às sociabilidades que nesse espaço têm lugar. Há, pois, uma realidade material – da cidade construída pelos homens, que traz as marcas da ação social. É o que chamamos cidade de pedra, erguida, criada e recriada através dos tempos, derrubada e transformada em sua forma e traçado²⁸.

A cidade, seja no teatro, no conto, no romance ou em qualquer suporte de texto, significou a transmutação de valores, lugar do relativismo cultural, da troca de amores, do súbito, da surpresa a cada linha de sua escrita. A obra de Nelson Rodrigues tem vitalidade ao perceber a cidade como herdeira de valores no tempo, alavanca no progresso e ao mesmo tempo em crise moral. Nela se misturam aquilo de mais tradicional e costumeiro e a atração pela vida mundana, a desordem social, o caos das transformações no turbilhão de homens e mulheres.

Vale a pena ressaltar que esse olhar do historiador sobre a visão literária da cidade significa que a existência de novas formas de perceber o histórico estão sendo incentivadas, sendo a fonte literária, ficcional, um relevante material de investigação.

No universo amplo dos bens culturais, a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, pois é um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos, as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico. A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a

27 PESAVENTO, S. J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano* – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002. p. 8.

28 PESAVENTO, 2002, p. 10.

partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir... Enquanto tal é registro e leitura, interpretação, do que existe e proposição do que pode existir, e aponta a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo seu aparato mental e simbólico²⁹.

Nelson Rodrigues tem um pouco do olhar do historiador, que investiga os meandros de sua cultura, buscando aquilo que é de mais despercebido e se torna elemento de amplos significados. O exercício de buscar sempre referencial de base em tudo aquilo que vê faz dele um arguto escritor dos silêncios, do proibido, das verdades inconfessadas, dos desejos e das miudezas do cotidiano. Sempre inspirado pelo foco ficcional emanado na sua representação, ele foi capaz de prender a atenção dos moradores da cidade.

Na verdade, é justo dizer que durante grande parte do século XX os romancistas por toda a Europa e os Estados Unidos estavam firmemente comprometidos com o princípio de realidade. Fizeram por assim dizer, um pacto tácito com o público leitor que os obrigava a permanecer fiéis às verdades sobre os indivíduos e sua sociedade, a inventar apenas pessoas e situações – reais, em suma, a ser dignos de confiança em suas ficções sobre a vida comum³⁰.

Peter Gay, na obra intitulada: *O estilo na História*³¹, salienta um fator de extrema importância para qualquer escritor que se debruce sobre o fenômeno literário, o qual diz respeito ao estilo como critério de identificação do escritor com o público que consome o seu produto: o texto. O cuidado com o estilo promove a popularização do escritor, quando se toca na capacidade de envolver o leitor em suas tramas, suas fantasias e na forma de tratamento do aspecto ficcional. O papel da ficção é levar ao leitor a sensação de encantamento pelo universo retratado, com isso, “cabe-lhe proporcionar prazer sem comprometer a verdade [...] o estilo, para ele, pode constituir um objeto de satisfação, um veículo de conhecimento ou um instrumento de diagnóstico”³².

Outra contribuição relevante para se pensar o fator ficcional na escrita rodriguiana é permitir uma crítica documental afinada com seu processo de percepção, no olhar do detalhe que faz a diferença. Por isso, Carlo Ginzburg também permeia a reflexão do campo ficcional e da relevância a esse aspecto de análise por parte do historiador, pois o discurso da História enquanto ciência traz em si o verdadeiro, o falso e o fictício. Essas três realidades estão inerentes na análise dos documentos históricos, e devem ser levadas em consideração,

29 BORGES, V. R. História e Literatura: algumas considerações. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 94-109, 2014. p. 8. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28658>. Acesso em: 1 set. 2022.

30 GAY, P. *Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 12.

31 GAY, P. *O estilo na História*: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

32 GAY, 1990, p. 21.

independentemente da sua variação. Essa reflexão teórica está presente em: *O fio e os rastros: verdadeiro, falso e fictício*³³.

A grande contribuição de Carlo Ginzburg está na aceitação da construção do fictício dentro da operação historiográfica, ou seja, o dado ficcional deve estar presente dentro da pesquisa do historiador, como eixo integrador e mobilizador da História. Vejamos que “os historiadores (e, de outra maneira, também os poetas) têm como ofício alguma coisa que é parte da vida de todos: destrinchar o entrelaçamento de *verdadeiro, falso e fictício* que é a trama do nosso estar no mundo”³⁴.

O papel do historiador é reconhecer nas obras literárias essa intrincada relação, não deixando oculto o fictício, mas colocando-o na trama da História como forma de leitura social através da busca pelo imaginário, das práticas culturais e das representações que permitem a fuga do historiador para temas que permitam abrir o seu campo de investigação sobre o passado.

A sensibilidade romântica expressada na visão de Nelson Rodrigues tem estado presente em grande parte das suas memórias e escrita ficcional, permitindo uma ressignificação de valores que estão presentes em sua formação de escritor e, assim sendo, confrontando esses mesmos valores cristalizados no passado em relação a sua percepção da cidade no presente.

[Sou] o sujeito mais romântico que alguém já viu. Desde garotinho sonho com o amor eterno. Na minha infância profunda, os casais não se separavam. Havia brigas, agressões de parte a parte, insultos pesadíssimos, mas o casal não se separava. A separação era uma tragédia. Em último caso, a mulher apelava para o adultério. Sou romântico como um pierrô suburbano³⁵.

Entende-se que foi construída por ele uma leitura da incompatibilidade de atualização da tradição familiar e cidadina no transcurso do século XX, percebida como um sintoma de decadência moral dos sujeitos. Em torno disso, nota-se, subjacente à sua visão de mundo romântica, em suas palavras, que “eu sou um romântico num sentido quase caricatural. Acho que todo amor é eterno e, se acaba, não era amor. Para mim, o amor continua além da vida e além da morte”³⁶.

A idealização do amor romântico pode ser compreendida em várias passagens na obra do autor, uma delas é na peça *Anti-Nelson Rodrigues* (apresentada em 1974, no Teatro SNT, no Rio de Janeiro), que revela a personagem Joice permeada de simbolismo romântico, valores morais familiares e apreço pelo casamento. Uma jovem típica dos costumes delineados pela

33 GINZBURG, 2007.

34 GINZBURG, 2007, p. 14.

35 RODRIGUES, N. Nelson Rodrigues. Entrevistador: Edla van Steen. In: STEEN, Edla van. *Viver & escrever*. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2008. v. 3. p. 66-77.

36 RODRIGUES, 2012, p. 187.

belle époque carioca. Nelson Rodrigues traz essa representação feminina para o contexto de mudanças nos anos dourados, num intenso saudosismo de um tempo que se “esvai pelas mãos” e que não mais se identifica com a cidade moderna e atraente aos olhos dos seus habitantes. Nos diálogos entre Joice e Oswaldinho:

OSWALDINHO – Quero a sua palavra. Mas diz uma coisa. A que horas você vai se encontrar com o seu noivo?

JOICE – Seis.

OSWALDINHO – São cinco. Falta uma hora.

JOICE [*nervosa*] – Mas não é isso, dr. Oswaldo. Não me sinto bem de estar aqui, com o senhor. Sou noiva.

OSWALDINHO – Você diz *noiva* como se fosse para sempre [*com sofrimento*] Quer dizer que. Você acredita então em amor eterno?

JOICE – Acredito.

OSWALDINHO – E se acabar?

JOICE – Se acabar não era amor.³⁷

Na peça *A mulher sem pecado* (apresentada em 1942, no Teatro Carlos Gomes, no Rio de Janeiro), a personagem Lídia é a imagem da mulher reverenciada pela elite burguesa da *belle époque* carioca, aquela que cuida exclusivamente do marido, ampara a casa e se torna o centro de seu lar. A personagem cumpre a função afetiva que lhe foi conferida pela sua vocação maternal preconizada na época, que, na visão de Nelson Rodrigues, se reconfigurava, pois ela buscava se readaptar pelas oportunidades que o cotidiano oferecia. Olegário tem desconfianças de Lídia. Ele, em vários momentos da trama, tenta retirar da esposa o sentimento de culpa:

OLEGÁRIO [*berrando*] – Foi! Foi seu amante! Ficou com as duas pernas esmagadas!
[*Lídia recua, na frente para Olegário, em direção da escada.*]

LÍDIA – Não! Não! Eu não tenho amante! Nunca tive amante!

OLEGÁRIO [*num grito estrangulado*] – Me enganando... Me traindo...

LÍDIA [*numa expressão de terror*] – Eu vou me embora. Não fico mais aqui!

OLEGÁRIO [*impulsionado a cadeira, enquanto Lídia recua*] – Vai embora, para onde? [*como que caindo em si*] Lídia! Venha cá, Lídia!

LÍDIA [*no segundo degrau, de frente para Olegário, obstinada*] – Eu vou-me embora!³⁸

Esse conflito instaurado na narrativa equivale à atraente e fantasiosa modernidade que a cidade oferecia aos seus habitantes. A casa é afetada pela rua, como é evidenciado em *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*³⁹, de Roberto da Matta, que traduz esse

37 RODRIGUES, N. Anti-Nelson Rodrigues. In: RODRIGUES, N. *Teatro completo Nelson Rodrigues: peças psicológicas e míticas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. p. 308.

38 RODRIGUES, N. *A mulher sem pecado*. In: RODRIGUES, N. *Teatro completo Nelson Rodrigues: peças psicológicas e míticas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. p. 59.

39 DA MATTA, R. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

clima apresentado na peça de relativização dos sentimentos, esvaziamento do amor romântico, a frustração feminina em não estar feliz no casamento. Essa busca pelo amor em sua essência mais pura se verifica em outras peças de Nelson Rodrigues, como em *Vestido de noiva*⁴⁰ (apresentada em 1943, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro); por outro lado, enraizando as tradições e a casa como esteio da moralidade estão as peças *Dorotéia*⁴¹ (apresentada em 1950, no Teatro Fênix, no Rio de Janeiro) e *Senhora dos afogados*⁴² (apresentada em 1954, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro). Ainda, em *Anjo negro*⁴³ (apresentada em 1948, no Teatro Fênix, no Rio de Janeiro) está a impossibilidade do casal de situar seus desejos pela dificuldade de sustentar o ambiente conservador do lar, ocasionando tragédias e trazendo a moralidade cristã como definidora de padrões sociais e culturais e a impossibilidade de reprodução da sensibilidade romântica do casal.

Essa tendência romântica de Nelson Rodrigues em sua forma de observar o mundo pode ser compreendida através de Michael Löwy e Robert Sayre em *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*⁴⁴, obra na qual os autores ponderam o que se conceitua como romantismo. Para Michael Löwy e Robert Sayre, existe uma pluralidade de significados para o romantismo, contudo, esse conceito permanece até os dias de hoje como forma de sentimentos gestados no tempo.

Portanto, o romantismo não passa de uma das múltiplas tendências e visões de mundo que constituem a cultura moderna. Na literatura, porém, é verdade que, no século XIX, o romantismo tal como o entendemos exerce uma influência difusa e tendencialmente dominante. Já não é o caso do século XX. No entanto, se acabou perdendo a hegemonia nas criações literárias de nosso século, a visão romântica continua desempenhando um papel de maior importância⁴⁵.

Esse fragmento revela um caminho que se alinha de forma a enriquecer a análise no que Nelson Rodrigues projeta como estilo de observação em sua maneira de conceber o mundo à sua volta e olhar para a sociedade, exaltando sentimentos que reforçam a construção de que sua obra é um mal-estar da modernidade⁴⁶, e sua face romântica envolve seus temas e lhe dá densidade ao perceber a cultura. A visão romântica é inerente à sua dramaturgia e também está

40 RODRIGUES, N. Vestido de noiva. In: RODRIGUES, N. *Teatro completo Nelson Rodrigues: peças psicológicas e míticas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. p. 101-168.

41 RODRIGUES, N. Dorotéia. In: RODRIGUES, N. *Teatro completo Nelson Rodrigues: peças psicológicas e míticas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. p. 501-563.

42 RODRIGUES, N. Senhora dos afogados. In: RODRIGUES, N. *Teatro completo Nelson Rodrigues: peças psicológicas e míticas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. p. 565-646.

43 RODRIGUES, N. Anjo negro. In: RODRIGUES, N. *Teatro completo Nelson Rodrigues: peças psicológicas e míticas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. p. 421-498.

44 LÖWY, M; SAYRE, R. *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

45 LÖWY; SAYRE, 1995, p. 50.

46 GODOY, A. P. *Nelson Rodrigues: o fracasso do moderno no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2012.

na sua produção jornalística, sendo alicerçada na capacidade do escritor de enunciar o que a sociedade escapa a seu ordenamento, procurando entender a resistência ou insistência em alguns casos dos sujeitos diante dos padrões preestabelecidos. A concepção de visão romântica emoldurada por Michael Löwy e Robert Sayre é aquela cujo sentimento romântico representa a resistência dentro da própria modernidade, pois:

Além de negar a modernidade capitalista, o romantismo apresenta valores positivos, basicamente a valorização da subjetividade dos indivíduos, da liberdade de seu imaginário e da unidade comunitária em que se inserem. A busca de recriar a individualidade e a comunidade humana é analisada como algo inseparável da recusa da fragmentação da coletividade na modernidade. O romantismo, desde suas vertentes mais conservadoras até as revolucionárias, envolve alguns paradoxos aparentes: valoriza, ao mesmo tempo, a comunidade e a individualidade; procura recuperar aspectos do passado pré-capitalista, mas pode transformar-se em utopia de construção de um futuro que retome os valores humanos sufocados pela modernidade. Constitui assim um *Gesamtkomplex* que dá elementos para pensar a construção de um novo tipo de sociedade e lutar por ela. Nos termos dos autores, “a utopia ou será romântica ou não será”⁴⁷.

Se pararmos para pensar como essa forma de conceber o romântico se processa dentro da dramaturgia/jornalismo de Nelson Rodrigues, entende-se que está plenamente identificado com o que Michael Löwy e Robert Sayre⁴⁸ apontam para um desajuste cultural – isto é, uma fragmentação da coletividade na modernidade –, no qual a transformação capitalista da cidade solapou e subsumiu os valores românticos, relativizando a ordem social, pois, como salienta no trecho da citação, essa foi “sufocada” pela modernidade. Nelson Rodrigues é um dramaturgo “sufocado” pela modernidade. Ele altera as tradições comunitárias da família e conduz os sujeitos para o sentimento de incapacidade de gerirem aquilo de mais coeso da unidade comunitária que se perdeu, somente restando a nostalgia e o pessimismo. Para ele: “está morrendo o nosso passado e insisto: um dia acordaremos sem passado”⁴⁹.

O pensamento de Michael Löwy e Robert Sayre⁵⁰ mostra-se sintomático ao refletir sobre a dramaturgia/jornalismo de Nelson Rodrigues ao permitir a percepção dos sujeitos que também vivem o sentimento de perda, melancolia, frustração com a modernidade, fazendo uma crítica (em forma de discursos e por meio dos seus corpos) de como esses sujeitos encontram-se dentro da sociedade burguesa, que, na perspectiva de Nelson Rodrigues, resulta como alienação do cotidiano.

Com efeito, os românticos sentem dolorosamente a alienação das relações humanas, a destruição das antigas formas “orgânicas”, comunitárias da vida social, o isolamento do indivíduo em seu eu egoísta – que constituem uma dimensão importante da

47 LÖWY; SAYRE, 1995, aba do livro.

48 LÖWY; SAYRE, 1995.

49 RODRIGUES, 1997, p. 132.

50 LÖWY; SAYRE, 1995.

civilização capitalista da qual o mais importante espaço é a cidade. O Saint-Preux de *La Nouvelle Heloise* de Rousseau é apenas o primeiro de uma longa linhagem de heróis românticos que – no próprio centro da vida social moderna, no “deserto da cidade” – sentem-se sós, incompreendidos, incapazes de se comunicar de maneira significativa com seus semelhantes⁵¹.

Movimento paralelo se processa ao analisar a personalidade de Nelson Rodrigues. Ele se sente “perdido” na modernização carioca, a família é diretamente atingida, e as formas orgânicas, tradicionais, tendem a se perder ou a ficarem em constante ataque frente às formas de individualização social aglutinadas em meio ao passado corrompido. Nelson Rodrigues sente-se “entrincheirado” na sua existência:

Essa dupla preocupação – uma consciência aguda de deterioração radical da qualidade das relações humanas na modernidade e a busca nostálgica da comunidade autêntica – não se limita de modo algum a literatura [...] Essa temática desempenha um papel principal ao mesmo tempo no pensamento. Um elemento primordial do existencialismo é a ansiedade do indivíduo entrincheirado em sua existência, e sua morte particular⁵².

Benedito Nunes elabora sua percepção acerca do que se compreende como conceito de romantismo no capítulo “Visão romântica”, incluído na obra *O romantismo*, de Guinsburg⁵³. Na concepção daquele autor, o fenômeno romântico abarca dois campos: um deles está na dimensão psicológica no que diz respeito à sensibilidade, e o outro é o histórico, que diz respeito ao movimento literário. O que importa como contribuição nesta pesquisa é:

A categoria psicológica do Romantismo e o sentimento como objeto da ação interior do sujeito, que excede a condição de simples estado afetivo: a intimidade, a espiritualidade e a aspiração do infinito [...] pelo seu caráter conflituoso interiorizado, trata-se, portanto, considerada assim, de uma categoria universal⁵⁴.

Verifica-se que a interpretação de Benedito Nunes está num plano mais amplo de perceber a visão romântica para além de um estilo literário, mas situada na percepção de sujeitos diversos em situações específicas. Quando se pensa que a visão romântica está inserida em um período de transição, percebe-se que Nelson Rodrigues está situado dentro de uma transição que a cidade do Rio de Janeiro começava a sentir, ao se aproximar da segunda metade do século XX, ou seja, entre os valores burgueses da *belle époque* e as liberdades progressivas dos anos dourados. Perceber essa passagem, e como ela se manifesta no texto, é fundamental para a compreensão da narrativa. Entende-se que “a visão romântica, que se interrompe com o advento da modernidade, não esgota o alcance do romantismo”⁵⁵. Isso quer dizer que a modernidade

51 LÖWY; SAYRE, 1995, p. 68.

52 LÖWY; SAYRE, 1995, p. 69-70.

53 NUNES, B. Visão romântica. In: GUINSBURG, J. (org.). *O romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

54 NUNES, 1978, p. 51-52.

55 NUNES, 1978, p. 53.

veio para subsumir a visão romântica na obra do autor, mas, mesmo assim, ela continua e estabelece seu peso de medida, ao passo que se irrompem situações diversas de ataque a esse sentimento de estar no mundo.

Veja-se que Nelson Rodrigues alimenta a sua visão romântica a todo o momento em que escreve as suas peças teatrais e produção jornalística, quando deixa transbordar, seja nos temas, ou nos diálogos proferidos, essa preocupação existencial, histórica e estilística de ser um sujeito inconformado com o seu presente. Isso abastece a sua visão de mundo, dando contornos emblemáticos à sua escrita, que traz inúmeras inferências culturais construtoras para a originalidade do texto. Os sintomas dessa visão romântica são “a denúncia com a insatisfação do real, passa a oferecer, contra ele, o abrigo do ideal decepcionado, que se constitui em refúgio e que transforma o refúgio em sucedâneo de aspirações insatisfeitas”⁵⁶.

São reações de incompreensão da vida em relação ao momento histórico vivenciado, simbolizam o que está fora do lugar, aparentemente são sinais transitórios de uma mudança. Trata-se de emoções que afetam de forma contundente a subjetividade de um escritor e que promovem:

O que, enfim, prepondera, como determinante do comportamento espiritual do poeta romântico, dando o acento impulsivo de sua sensibilidade conflitiva, é a aspiração do infinito, como anseio vago e indefinido – que a palavra *Sehnsucht* exprime – como indeterminação do desejo, amor da infinitude pela infinitude, e da procura pela procura, que transbordou na ironia da forma e da vida⁵⁷.

A visão romântica do dramaturgo faz sentido quando se percebe nela a subjetividade de um olhar que enxerga tudo com desconfiança, conflito, paradoxo. Assim, as suas vivências no passado se tornam a referência maior do autor, isto é, um lugar ideal preestabelecido em sua existência. Fugir desse lugar idealizado em sua memória significa se apartar do mundo cristalizado em direção à fragmentação do sujeito moderno. Os anseios modernos vão submergindo a visão de mundo de homens e mulheres calcinados pelas novidades que irrompem pela cidade extravasada.

Faz-se presente uma simbiose de possibilidades de registros das formas de interação heterogêneas da cultura urbana, pautadas por anseios e relações variados diante da vida, e que fazem parte da cultura citadina. Assim, essa diversidade de visualização da família carioca fez de Nelson Rodrigues um perscrutador da intimidade dos sujeitos influenciados pela moral burguesa, que deixou suas marcas em todas as estruturas familiares, com mais destaque para a família suburbana. Percebendo como a família suburbana é gerida e na relação com outras

56 NUNES, 1978, p. 54.

57 NUNES, 1978, p. 68.

tipologias de famílias existentes em todos os espaços da cidade, está por sua vez permanece plasmada pela sua memória social e fazendo dela elemento de defesa do lugar de onde se fala, na percepção do processo de deriva dos costumes e criação de novos, no advento da modernização, que reconfigura o imaginário da cidade, principalmente, daquele que escreve.

A contemplação dos valores da cidade está muito evidente em *A vida como ela é...*⁵⁸, período de sua produção jornalística, de 1951 a 1961, no jornal *A Última Hora*, momento no qual escreveu mais de 2 mil histórias contemplando a modernidade como “vertigem coletiva da ação e da velocidade”⁵⁹, e os espaços de sociabilidade de construção do moderno. No conto “A dama da lotação” está presente a relação social homem/mulher, permeada pelo começo de um novo ciclo de transformações. Nesse conto, o sentido de expiação da família transparece em um ambiente cujos valores estão iniciando um lento processo de mudanças, as quais estão em transcurso até os dias de hoje. Isso se configura como um quadro de ressignificação de valores, normas e conceitos do que é ser homem e mulher na sociedade carioca, que acaba por servir de vitrine para o resto do Brasil na época. Em um trecho do conto, apresenta-se todo esse clima que deixa visível a observação dos dramas das famílias cariocas na modernidade:

Sem excitação, numa calma intensa, foi contando. Um mês depois do casamento, todas as tardes, saía de casa, apanhava o primeiro lotação que passasse. Sentava-se no banco, ao lado de um cavalheiro. Podia ser velho, moço, feio ou bonito; e uma vez – foi até interessante – coincidiu que seu companheiro fosse um mecânico, de macacão azul, que saltaria pouco adiante⁶⁰.

Nesse conto, verifica-se tudo o que o jornalista percebia na sociedade carioca na década de 1950 ao que se refere à mulher, cada vez mais participando da vida pública, mas ainda com muito conservadorismo por parte dos homens, que se sentiam desafiados perante essa modernização. Com semelhanças de temáticas a esses contos, temos: “*Mausoléu*”⁶¹, “*Covardia*”⁶², “*Marido fiel*”⁶³ e “*Casal de três*”⁶⁴, que também tensionam a modernidade carioca da década de 1950. O historiador Alexandre Pianelli Godoy, em *Nelson Rodrigues: o*

58 Algumas das mais de duas mil histórias estão presentes na obra: RODRIGUES, N. *A vida como ela é...: o homem fiel e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

59 SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes nos anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 62.

60 RODRIGUES, N. *A dama da lotação*. In: RODRIGUES, N. *A vida como ela é... o homem fiel e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 222.

61 RODRIGUES, N. *Mausoléu*. In: RODRIGUES, N. *A vida como ela é... o homem fiel e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 7-11

62 RODRIGUES, N. *Covardia*. In: RODRIGUES, N. *A vida como ela é... o homem fiel e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 16-20.

63 RODRIGUES, N. *Marido fiel*. In: RODRIGUES, N. *A vida como ela é... o homem fiel e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 144-148.

64 RODRIGUES, N. *Casal de três*. In: RODRIGUES, N. *A vida como ela é... o homem fiel e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 26-30.

*fracasso do moderno no Brasil*⁶⁵, introduz uma concepção da obra do dramaturgo brasileiro no que consiste em perceber o fracasso do moderno no Brasil por meio do seu jogo textual, e este elabora uma ampla reviravolta nos alicerces da família carioca. Nesse processo:

Ao colocar em jogo o passado e o presente, o público e o privado, o moralismo e a imoralidade, a família e o indivíduo, o dramaturgo não apenas discute a existência do “moderno”, mas descortina uma categoria ideológica, numa leitura utilizada ainda hoje por seus defensores e por seus detratores como uma verdade incontestável. Nelson Rodrigues nasceu em 1912. Formou-se intelectual e culturalmente nos valores familiares da *belle époque*, que confiavam na possibilidade de inclusão de todos os indivíduos no espaço público via Estado, o que definiu e ainda define os parâmetros do que é ser uma nação “moderna”, apesar dos diferentes matizes que o conceito possa ter adquirido⁶⁶.

Nessa busca de entendimento do passado cristalizado, o escritor vai fornecendo perspectivas para intensificar seu imaginário urbano com maior densidade teórica e conceitual na verificação dessa percepção da vida através de sua visão romântica ao emoldurar com as referências teóricas que sustentam essa tese. Uma dessas referências é Claudine Haroche, que, em *A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente*, traz a abordagem do sensível perpassando a temporalidade histórica como uma necessidade imanente do humano. Isso significa que:

As formas conhecidas e reconhecidas de estabilidade, fixidez e ancoragem psíquica e emocional, estabelecimento psíquico e subjetivo no espaço, são perturbadas e acarretam uma ausência de enquadramento espacial, de limites, bem como provocam um desenraizamento subjetivo (Legendre 2006: cap. XXI). Esse processo paradoxal tende a uma depauperação, a um estreitamento e, mesmo, extinção do espaço interior no individualismo contemporâneo: tende, com efeito, a exteriorizar, a setorizar na superfície o homem interior, fazendo-o desaparecer, e, no mesmo movimento, a estender e intensificar as sensações – ou então a transformar, de forma radical, as maneiras de sentir, e enfraquecê-las pela submissão ao ritmo de um consumo contínuo e acelerado⁶⁷.

A maneira como Claudine Haroche destaca a dimensão sensível na sociedade moderna ilumina o movimento que estabeleço em situar Nelson Rodrigues dentro de um ciclo de transformações que se aglutinam em torno do individualismo exacerbado na estrutura familiar e cidadina do Rio de Janeiro. Essa “onda” de ressignificação do espaço público, e de revisão de costumes, faz provocar sensibilidades em perceber o mundo à sua volta. Esse mundo se torna cada vez mais fluido, passageiro, efêmero, fugaz, e o literato capta essas sensações do sentimento moderno na cidade de forma contraditória e, por vezes, crítica, polemizando os valores humanos e a sociabilidade tradicional. Foi isso que aconteceu no Rio de Janeiro vivido por Nelson Rodrigues, quando percebeu seu mundo interior estável da infância passar

65 GODOY, 2012.

66 GODOY, 2012, p. 23.

67 HAROCHE, 2008, p. 22.

por transformações na vida adulta, fazendo perder sua ancoragem emocional no espaço mais conservador da cidade, a zona norte do Rio de Janeiro, onde morou por vários anos após chegar na cidade em 1916. Nesse lugar, “alimentou’ o que Claudine Haroche destaca como “ancoragem psíquica e emocional” do sujeito⁶⁸. Esta ancoragem, por sua vez, acaba se fragmentando em várias sensibilidades multifacetadas, as quais estão em ebulição na sua escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando a cidade como resultado de um fenômeno da modernidade, e que atua redefinindo e criando maneiras de estar situado nela, temos os estudos de Georg Simmel. O autor traduz esse amontoado de sentimentos de viver onde o passado se desagrega pelo presente expresso em “A metrópole e a vida mental”. O intelectual situa o fenômeno urbano como “intensificação da vida nervosa, que resulta da alteração brusca e ininterrupta entre estímulos interiores e exteriores”⁶⁹. Essa modernidade percebida por Simmel provoca uma intensa alteração emocional no sujeito afetado pela vida urbana fugaz. Além das peças e jornais, esse clima de perda de significados aparece no romance *O casamento*, publicado em 1966:

[...] o casamento e um romance que realmente prevê a queda do Rio de Janeiro como cidade. Ali está inscrita a invasão da favela, o desespero da burguesia de hoje, atrás das grades de medo. Nele as classes em luta estão jogadas na grande arena de falta-de-saída política (tudo escrito por ele, que os bem pensantes chamavam de “reacionário”). Nunca se fez um painel tão lancinante dos detritos que caem das diferenças sociais, dos restos de lixo das famílias hipócritas. Nunca se fez uma listagem tão densa dos horrores dos cotidianos. O próprio livro, em sua forma desordenada, é uma metáfora, do que uma cidade destruída virou⁷⁰.

Essa objetividade da vida moderna, conjugada com o desordenamento do cotidiano, deixa subjacente a indiferenciação com a subjetividade abafada pela agitação da urbanidade. O sujeito perde suas referências afetivas e não reconhece a marca da tradição plasmada na vida social. Isso significa que:

O homem é uma criatura que procede a diferenciações. Sua mente é estimulada pela diferença entre a impressão de um dado momento e a que precedeu. Impressões duradouras, impressões que diferem apenas ligeiramente uma da outra, impressões que assumem um curso regular e habitual e exibem contrastes regulares e habituais – todas essas formas de impressão gastam, por assim dizer, menos consciência do que a rápida convergência de imagens em mudança, a descontinuidade aguda contida na apreensão com uma única vista de olhos e o inesperado de impressões súbitas. Tais são as condições psicológicas que a metrópole cria⁷¹.

68 HAROCHE, 2008, p. 22.

69 SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 12.

70 RODRIGUES, N. *O casamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Aba do livro.

71 SIMMEL, 1976, p. 12.

Situar esse fenômeno de descontinuidade dentro da escrita de Nelson Rodrigues significa perceber a conjunção de sensibilidades advindas da modernização da cidade do Rio de Janeiro, em que verticalização, especulação imobiliária e novas sociabilidades se criam e recriam, fazendo o sujeito perder a sua referencialidade. Dessa forma, o autor transfere essa apreensão para a sua produção literária, tornando seus textos um registro essencial de entendimento das sensibilidades de uma determinada sociedade e sua temporalidade histórica.

Faz-se necessário perceber as relações construídas na cidade e ver de perto as tramas que estão imbricadas pelo poder do Estado⁷², enquanto disseminador de novos paradigmas modernos, e como a subjetividade de Nelson Rodrigues é afetada pelo novo. Dessa forma, “é preciso fazer a análise por dentro, combater as ilusões internamente, e que o novo que não é fruto da tradição nem criado pelo coletivo é pura cópia do velho: é uma fantasmagoria”⁷³. Sua insistência pelo passado o coloca na contramão da modernidade carioca. Em uma de suas colocações, em *Flor de obsessão: as 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues*, ao perceber o olhar para um passado que, na sua experiência presente, está sendo alvo de mudanças, como resultado da transformação urbana da cidade, o autor diz que é “uma alma da belle époque”⁷⁴.

REFERÊNCIAS

FONTES

RODRIGUES, N. *A vida como ela é...: o homem fiel e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RODRIGUES, N. Anjo negro. In: RODRIGUES, N. *Teatro completo Nelson Rodrigues: peças psicológicas e míticas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. p. 421-498.

RODRIGUES, N. Casal de três. In: RODRIGUES, N. *A vida como ela é... o homem fiel e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 26-30.

RODRIGUES, N. Covardia. In: RODRIGUES, N. *A vida como ela é... o homem fiel e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 16-20.

RODRIGUES, N. Dorotéia. In: RODRIGUES, N. *Teatro completo Nelson Rodrigues: peças psicológicas e míticas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. p. 501-563.

72 LENHARO, A. *Sacralização da política*. Campinas: Papyrus, 1986.

73 MENEZES, M. A. de. *Um flâneur perdido na metrópole do século XIX: História e Literatura em Baudelaire*. 2004. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/26486>. Acesso em: 15 set. 2022. p. 161.

74 RODRIGUES, 1997, p. 24.

RODRIGUES, N. Marido fiel. In: RODRIGUES, N. *A vida como ela é... o homem fiel e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 144-148.

RODRIGUES, N. Mausoléu. In: RODRIGUES, N. *A vida como ela é... o homem fiel e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 7-11.

RODRIGUES, N. Senhora dos afogados. In: RODRIGUES, N. *Teatro completo Nelson Rodrigues: peças psicológicas e míticas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. p. 565-646.

RODRIGUES, N. Vestido de noiva. In: RODRIGUES, N. *Teatro completo Nelson Rodrigues: peças psicológicas e míticas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. p. 101-168.

OBRAS GERAIS

BACZKO, B. Imaginação social. In: LEACH, E. *et al. Enciclopédia Einaud: Antropos/ Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, v. 5, p. 296-332, 1985.

BARTHES, R. O efeito de real. In: BARTHES, R. *et al. Literatura e realidade (que é o realismo?)*. Lisboa: Dom Quixote, 1984. p. 87-97.

BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BORGES, V. R. História e Literatura: algumas considerações. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 94-109, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28658>. Acesso em: 1 set. 2022.

DA MATTA, R. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DA MATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEL PRIORE, M. *Histórias da gente brasileira: República - memórias (1889-1950)*. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

DEL PRIORE, M. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

DIAS, Â. M. Nelson Rodrigues e o Rio de Janeiro: memórias de um passional. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 101-122, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2005000100007>. Acesso em: 10 set. 2022.

FACINA, A. *Santos e canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GAY, P. *Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GAY, P. *O estilo na História: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GINZBURG, C. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, C. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-275.

GODOY, A. P. *Nelson Rodrigues: o fracasso do moderno no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2012.

HAROCHE, C. *A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

LENHARO, A. *Sacralização da política*. Campinas: Papirus, 1986.

LÖWY, M.; SAYRE, R. *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MENEZES, M. A. de. *Um flâneur perdido na metrópole do século XIX: História e Literatura em Baudelaire*. 2004. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2004. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/26486>. Acesso em: 15 set. 2022.

NERY, S. M. de S. *A vida como ela é...: o limiar entre a crônica e o conto*. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação. UNIMAR – Universidade de Marília (SP), p. 1-17, 2015. Disponível em: <https://docplayer.com.br/25598104-A-vida-como-ela-e-o-limiar-entre-a-cronica-e-o-conto.html>. Acesso em: 12 set. 2022.

NUNES, B. Visão romântica. In: GUINSBURG, J. (org.). *O romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 51-74.

PESAVENTO, S. J. *Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PESAVENTO, S. J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.

PIRES, E. G. Modernidade, infância e linguagem em Walter Benjamin. *Conjectura: Filos. Educ.*, Caxias do Sul, v. 21, n. 2, p. 245-274, maio/ago. 2016. Disponível em: http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/3913/pdf_582. Acesso em: 15 set. 2022.

RIO, J. do. *A alma encantadora das ruas: crônicas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes nos anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 11-25.

VIEIRA, B. Carlo Ginzburg (1939-). In: PARADA, M. (org.). *Os historiadores clássicos da História: de Ricoeur a Chartier*. Petrópolis, RJ: Vozes: PUC-Rio, 2014. v. 3, p. 241-173.

Recebido em: 30/09/2022 – Entregue em: 15/03/2023